



CRB NACIONAL
Conferência dos Religiosos do Brasil

VIDA CONSAGRADA, SENTINELA DA ESPERANÇA NA IGREJA SINODAL MISSIONÁRIA

**TEXTO DA PREFEITA DO DICASTÉRIO
PARA OS INSTITUTOS DE VIDA
CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE
VIDA APOSTÓLICA**

IRMÃ SIMONA BRAMBILLA



*VRC: Sentinela
de esperança em
tempos de travessia*

27ª AGE - BRASÍLIA
8 A 11 DE JULHO DE 2025

VIDA CONSAGRADA, SENTINELA DA ESPERANÇA NA IGREJA SINODAL MISSIONÁRIA

1. INTRODUÇÃO

Para começar, proporei um breve *excursus* sobre o atual processo sinodal em curso, para nos situarmos no tema. Em seguida, à luz desse processo e do *Documento Final*, aprovado em 26 de outubro de 2024, na conclusão da segunda sessão da Assembleia, deter-me-ei em alguns caminhos de conversão sinodal e missionária que nos desafiam como consagrados e consagradas tanto singularmente quanto como comunidades, como Institutos e como pessoas em serviço da autoridade, para que a vida consagrada seja sentinela de esperança no nosso “hoje”.

2. O PROCESSO SINODAL EM ANDAMENTO

*O Sínodo é um caminho de discernimento espiritual,
de discernimento eclesial,
que é feito em adoração, oração,
em contato com a Palavra de Deus...*

*A Palavra nos abre para o discernimento e o ilumina.
Ela guia o Sínodo para que não seja uma “convenção” eclesial,
uma conferência de estudos ou um congresso político,
para que não seja um parlamento,
mas um evento de graça,
um processo de cura conduzido pelo Espírito.*

(Papa Francisco, 10.10.2021)

O tempo que estamos vivendo é iluminado pelo processo sinodal.

O Sínodo sobre Sinodalidade – *Por uma Igreja Sinodal. Comunhão, participação, missão* – foi aberto em outubro de 2021 e ainda não foi concluído. Em que ponto estamos? Após a longa fase preparatória, que viu uma ampla consulta ao Povo de Deus, seguiu-se a fase da celebração da Assembleia Sinodal, realizada em duas sessões, com um ano de intervalo, intercaladas com uma segunda consulta ao Povo de Deus, com base no Relatório de Síntese aprovado no final da primeira sessão (outubro de 2023) e devolvido a toda a Igreja.

O processo sinodal está agora em outra fase, a fase de implementação, na qual os dons da graça concedidos pelo Espírito ao Povo de Deus, coletados e amadurecidos

na Assembleia Sinodal, são devolvidos ao Povo de Deus, por meio de uma “inculturação” apropriada dos princípios e orientações que surgiram¹.

No caso do presente Sínodo, o Santo Padre decidiu publicar imediatamente o *Documento Final*, aprovado pela Assembleia por maioria qualificada e ratificado por ele mesmo². O *Documento Final* torna-se, assim, parte do Magistério Ordinário do Pontífice, de acordo com a *Constituição Apostólica Episcopalis Communio*, que prevê essa possibilidade³. Em 15 de março de 2025, a Secretaria Geral do Sínodo enviou a todos os Bispos e Eparcas e, por meio deles, a todo “o Santo Povo de Deus” a eles confiado, uma **Carta sobre o processo de acompanhamento da fase de implementação do Sínodo**.

Esse processo de acompanhamento e avaliação da fase de implementação, que é coordenado pela Secretaria Geral do Sínodo, foi aprovado pelo Papa Francisco. O Santo Padre solicitou sua divulgação às Igrejas locais e aos agrupamentos de Igrejas.

¹ Cfr. FRANCISCO, *Constituição Apostólica “Episcopalis Communio” sobre o Sínodo dos Bispos*, Roma 15 de setembro de 2018, n.7.

² Na saudação final ao término da Assembleia Sinodal, em outubro de 2024, o Santo Padre se expressou da seguinte forma: «Neste tempo de guerras, devemos ser testemunhas da paz, aprendendo também a dar forma real à convivência das diferenças. Por essa razão, não pretendo publicar uma ‘exortação apostólica’, o que aprovamos é suficiente. No Documento já há indicações muito concretas que podem ser um guia para a missão das Igrejas, nos diferentes continentes, nos diferentes contextos: por isso estou colocando-o à disposição de todos agora, por isso disse que deveria ser publicado. Quero, dessa forma, reconhecer o valor do caminho sinodal concluído, que, por meio deste Documento, entrego ao santo e fiel povo de Deus. Sobre alguns aspectos da vida da Igreja indicados no Documento, bem como sobre os temas confiados aos dez ‘Grupos de Estudo’, que devem trabalhar com liberdade, para me oferecer propostas, há necessidade de tempo, a fim de chegar a escolhas que envolvam toda a Igreja. Eu, portanto, continuarei a ouvir os Bispos e as Igrejas a eles confiadas. Essa não é a maneira clássica de adiar indefinidamente as decisões. É o que corresponde ao estilo sinodal com o qual o ministério petrino também deve ser exercido: ouvir, convocar, discernir, decidir e avaliar. E, nessas etapas, são necessárias pausas, silêncios e orações. É um estilo que estamos aprendendo juntos, um pouco de cada vez. O Espírito Santo nos chama e nos sustenta nesse aprendizado, que devemos entender como um processo de conversão» (Segunda Sessão da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos - 17ª Congregação Geral - Saudação final do Santo Padre Francisco, Sala Paulo VI, sábado, 26 de outubro de 2024).

³ Na *Nota de acompanhamento do Documento Final* da 16ª Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, emitida pelo Papa Francisco em 24 de novembro de 2024, o Santo Padre se expressa da seguinte forma: «Agora o caminho continua nas Igrejas locais e em seus agrupamentos, valorizando o Documento Final que foi votado e aprovado pela Assembleia em todas as suas partes em 26 de outubro passado. Eu também o aprovei e, assinando-o, ordenei a sua publicação, juntando-me ao ‘nós’ da Assembleia que, por meio do Documento Final, se dirige ao santo e fiel Povo de Deus. Reconhecendo o valor do caminho sinodal concluído, entrego agora a toda a Igreja as indicações contidas no Documento Final, como restituição do que amadureceu ao longo desses anos, por meio da escuta e do discernimento, e como orientação autorizada para sua vida e missão. O Documento Final faz parte do Magistério ordinário do Sucessor de Pedro (cf. EC 18 § 1; CIC 892) e, como tal, peço que seja aceito. Ele representa uma forma de exercício do magistério autêntico do Bispo de Roma que tem algumas características novas, mas que de fato corresponde ao que tive a oportunidade de especificar em 17 de outubro de 2015, quando afirmei que a sinodalidade é a estrutura interpretativa adequada para entender o ministério hierárquico».

<https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2024/11/25/0934/01866.html>

O percurso que vai realizar-se para a avaliação do caminho de implementação, será concluído em 2028 com uma Assembleia Eclesial em Roma⁴.

Estamos, portanto, vivendo essa fase de acolhida e implementação. O Espírito, com gentileza e força, exorta a Igreja e a Vida Consagrada, que «está no coração da Igreja como elemento decisivo para a sua missão»⁵, a aprender a caminhar juntos. Mas que tipo de caminhada é essa?

3. UM CHAMADO À CONVERSÃO

A sinodalidade é essencialmente um caminho de conversão pessoal, comunitária, relacional, institucional, eclesial e missionária. A “conversão” à qual o Espírito Santo está nos chamando é o fio de ouro que percorre o *Documento Final* do Sínodo: conversão das relações, processos e laços, para que a Igreja se torne cada vez mais um povo de discípulos missionários⁶.

O *Documento Final* afirma que

A vida consagrada é chamada a interpelar a Igreja e a sociedade com a sua voz profética. Na sua experiência secular, as famílias religiosas amadureceram práticas experimentadas de vida sinodal e de discernimento comunitário, aprendendo a harmonizar os dons individuais e a missão comum. Ordens e Congregações, Sociedades de Vida Apostólica, Institutos Seculares, bem como Associações, Movimentos e Novas Comunidades têm um contributo especial a dar para o crescimento da sinodalidade na Igreja. Hoje, muitas comunidades de vida consagrada são um laboratório de interculturalidade que constitui uma profecia para a Igreja e para o mundo⁷.

Podemos nos perguntar: de que conversão a Vida Consagrada precisa para interpelar a Igreja e a sociedade com sua voz profética, para oferecer sua contribuição especial ao crescimento da sinodalidade na Igreja, para ser uma sentinela da esperança? De que conversão o serviço de autoridade precisa para acompanhar e promover esse dinamismo na Vida Consagrada?

4. A CONVERSÃO DO CORAÇÃO

Para que uma autêntica sinodalidade missionária ganhe cada vez mais corpo na Vida Consagrada e na Igreja, é necessário que seja permitido ao Espírito transfigurar o centro propulsor de todo movimento de transformação: **o coração da pessoa**, de cada um de nós. O *Documento Final* enfatiza que “Uma espiritualidade sinodal nasce da ação do Espírito Santo e requer a escuta da Palavra de Deus, a contemplação, o silêncio e a conversão do coração”⁸. “A conversão dos sentimentos, imagens e pensamentos que

⁴ Cfr. <https://www.synod.va/it/news/accompagnare-la-fase-attuativa-del-sinodo.html>

⁵ JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Vita consecrata*, Roma, 1996, n. 3.

⁶ Veja-se a articulação dos títulos e subtítulos das cinco partes do *Documento Final*.

⁷ XVI ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS - “Rumo a uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação, Missão”, Segunda Sessão, *Documento Final*, Roma, 26 de outubro de 2024, n. 65 (doravante abreviado como: DF).

⁸ DF, 43.

habitam os nossos corações prossegue juntamente com a conversão da ação pastoral e missionária”⁹. “A conversão sinodal convida, deste modo, cada pessoa a alargar o espaço do seu coração, o primeiro ‘lugar’ onde ressoam todas as nossas relações, enraizadas na relação pessoal de cada um com Cristo Jesus e com a sua Igreja. É esta a fonte e a condição para qualquer reforma em chave sinodal dos laços de pertença e dos lugares eclesiais.”¹⁰. O cuidado com a formação inicial e permanente representa, portanto, um compromisso fundamental para nós, consagrados e consagradas.

4.1 Formar-se e formar

O desafio de uma formação, tanto inicial quanto permanente, que atinja o coração, que toque, mova e converta as camadas mais profundas da pessoa para o Evangelho, ainda permanece muito atual. Durante todo o processo sinodal, o apelo para que a atenção à formação seja integral, contínua e compartilhada surgiu com força de todas as partes do mundo.

O seu objetivo não é apenas a aquisição de conhecimentos teóricos, mas a promoção de capacidade de abertura e encontro, de partilha e colaboração, de reflexão e discernimento em comum, de leitura teológica das experiências concretas. Deve, portanto, interpelar todas as dimensões da pessoa (intelectual, afectiva, relacional e espiritual) e incluir experiências concretas devidamente acompanhadas. Igualmente marcante foi a insistência na necessidade de uma formação em que participem juntos homens e mulheres, Leigos, Consagrados, Ministros ordenados e candidatos ao ministério ordenado, permitindo assim crescer no conhecimento e estima recíproca e na capacidade de colaborar. Isto requer a presença de formadores idóneos e competentes, capazes de confirmar com a vida o que transmitem com a palavra: só assim a formação será verdadeiramente generativa e transformadora. Também não foi esquecido o contributo que as disciplinas pedagógicas podem dar à predisposição de percursos formativos bem direccionados, atentos aos processos de aprendizagem na idade adulta e ao acompanhamento das pessoas e das comunidades. Devemos, pois, investir na formação de formadores¹¹.

Durante o colóquio do Papa Francisco com os Superiores Gerais na conclusão da 82ª Assembleia Geral da USG (União dos Superiores Gerais), em novembro de 2013, o Santo Padre falou sobre o tema da formação, reiterando os pilares fundamentais: espiritual, intelectual, comunitário e apostólico, bem como a necessidade de que eles interajam desde o início do processo de formação. Nesse sentido, enfatizou a importância de se ter

formadores capazes de acompanhar verdadeiramente as pessoas”. “O diálogo, continua o Santo Padre, deve ser sério, sem medo e sincero. [...] A formação é uma obra de arte, não um trabalho de polícia. Devemos formar o coração. Caso contrário, formamos pequenos monstros. E então esses monstros formam o povo de Deus. Isso realmente me causa arrepios. [...] O formador deve pensar que a pessoa em formação será chamada para cuidar do povo de Deus. Se deve sempre pensar no povo de Deus, dentro dele. Pensemos naqueles religiosos cujo coração é azedo como vinagre:

⁹ DF, 11.

¹⁰ DF, 110.

¹¹ DF, 143.

eles não foram feitos para o povo. Em resumo, não devemos formar administradores, chefes, mas pais, irmãos, companheiros de viagem¹².

De acordo com a Exortação Apostólica *Vita Consecrata*,

Deus Pai, pelo dom contínuo de Cristo e do Espírito, é o formador por excelência de quem a Ele se consagra. Mas nesta obra, Ele serve-Se da mediação humana, colocando ao lado dos que chama alguns irmãos e irmãs mais velhos. A formação é, portanto, participação na acção do Pai que, através do Espírito, plasma no coração dos jovens e das jovens os sentimentos do Filho. Assim, os formadores e formadoras devem ser especialistas no caminho da procura de Deus, para serem capazes de acompanhar também outros neste itinerário¹³.

Um dos desafios em aberto da vida consagrada, assinalado pelo Documento da CIVCSVA *Para vinho novo, odres novos*, é justamente o de uma formação que atinja o coração da pessoa:

Parece que, apesar de todos os esforços e do empenho posto na formação, ela não atinge o coração da pessoa e não a transforma verdadeiramente. A impressão que se tem é que a formação é mais informativa do que performativa. O resultado é a persistência da fragilidade das pessoas tanto em suas convicções existenciais quanto em sua caminhada de fé. Isso leva a uma resiliência psicológica e espiritual mínima, com a consequente incapacidade de viver a própria missão com generosidade e de maneira corajosa no que diz respeito ao diálogo com a cultura e à inserção social e eclesial¹⁴.

Mas o que significa formar o coração? Como tocá-lo, como alcançá-lo? Como os sentimentos do Filho são moldados nele?

4.2 Discernimento

Se a formação é um caminho de transformação da pessoa toda, até das instâncias mais profundas do coração, então é necessário que a pessoa aprenda a discernir o que habita em seu coração, a reconhecer e cultivar toda energia que a leva a Cristo e a distinguir e se distanciar de toda energia que a afasta de Cristo, do Amor. O processo de discernimento espiritual, portanto, leva a pessoa da fragmentação e dispersão para uma unificação interior cada vez maior, para uma união e ordenação de suas energias em direção a Deus. O discernimento aponta para o concreto, para a vida, de modo que a pessoa cresce em coerência entre o que proclama como ideal e o que vive na vida cotidiana.

A primeira área de discernimento é, portanto

¹² SPADARO, A., «“Svegliate il mondo!”». Colloquio di Papa Francesco coi Superiori generali», in *La Civiltà Cattolica*, 2014, I (4 de janeiro de 2014), p. 11.

¹³ JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Vita Consecrata*, Roma, 25 de março de 1996, n. 66. (De agora em diante abreviado em: VC).

¹⁴ CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *Para vinho novo, odres novos. Orientações*, Vaticano, 6 de janeiro de 2017, n. 12.

a vida pessoal e consiste em integrar a própria história e a própria realidade na vida espiritual [...] Discernir evangelicamente a própria vida significa cultivar quotidianamente um estilo espiritual profundo, de modo a acolhê-la e interpretá-la com plena responsabilidade e crescente confiança em Deus, cada dia orientando o coração para Ele [...] apenas com as próprias forças humanas. Ao contrário, esse consiste primariamente em acolher o dom da graça divina, que nos torna capazes de nos superarmos a nós mesmos, de ir além das próprias necessidades e dos condicionamentos externos, para se viver na liberdade dos filhos de Deus. É um “ver no interior” e uma visão espiritual do todo, que preside ao conjunto da vida e do ministério, e através da qual se aprende a agir com prudência e a medir as consequências das próprias ações, independentemente de algumas circunstâncias que tornam difícil um juízo límpido sobre as coisas¹⁵.

Essa caminhada rumo à autenticidade requer cuidado interior, oração, capacidade de confronto honesto e sério e abertura para a Graça também por meio da partilha sincera do que se move no coração, dentro do espaço seguro e sagrado de um relacionamento de acompanhamento espiritual. Nesse processo, a pessoa «será capaz de decifrar e compreender seus próprios movimentos, dons, necessidades e fragilidades, de modo a “libertar-se de todos os afetos desordenados e, depois de eliminá-los, buscar e encontrar a vontade de Deus na organização de sua vida para salvar a alma”^{16,17}.

O acompanhamento pessoal, que implica encontros regulares e frequentes¹⁸, revela-se um meio privilegiado e indispensável para um percurso formativo que promove na pessoa a arte do discernimento para crescer na liberdade interior, na capacidade de deixar que o Espírito liberte e plasme o coração, de modo que a união com Cristo não permaneça um desejo intelectual, mas se torne sempre mais viva, ativa e palpitante nas estruturas e dinâmicas internas da pessoa, na sua carne, nos seus sentimentos, nos seus pensamentos, gestos, ações e escolhas cotidianas. O acompanhamento tem como objetivo a *docibilitas*¹⁹, ou seja, o crescimento da capacidade de aprender com a experiência, de ser livre para deixar-se transformar pelo Espírito que cura as feridas, sana, reconstrói, ilumina, liberta, abre os sentidos externos e internos para reconhecer e receber o Amor de Deus, tomar consciência daquilo que se move em si mesmo, na realidade e nos outros, tornar-se sentinelas que discernem na noite os sinais do amanhecer, e, enfim, sintonizar-se com o coração de Deus, com sua misericórdia, sua compaixão, sua ternura.

«a vida que Jesus nos dá - repete o Papa Francisco - é uma história de amor. uma história de vida que quer misturar-se com a nossa e criar raízes na terra de cada um

¹⁵ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Il dono della vocazione presbiterale. Ratio fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, Roma, 8 de dezembro de 2016, n. 43. (De agora em diante abreviado em: RFIS).

¹⁶ IGNAZIO DI LOYOLA, *Exercícios Espirituais*, 1.

¹⁷ RFIS, n. 43.

¹⁸ Cfr. *Idem*, n. 46.

¹⁹ Cfr. *Idem*, n. 45. Cfr. também CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *Para vinho novo, odres novos. Orientações*, Vaticano, 6 de janeiro de 2017, n. 35 d. O tema da *docibilitas* foi amplamente desenvolvido por Pe. Amedeo Cencini. Vide, por exemplo, CENCINI, A., *La docibilitas, conferência dada no Incontro dos Sacerdotes junto ao Santuário da Madonna della Guardia*, Gênova, 20-21 de setembro de 2023. <https://www.chiesadigenova.it/padre-a-cencini-la-docibilitas/>

(...). A salvação, que Deus nos da, é um convite para fazer parte de uma história de amor, que está entrelaçada com as nossas histórias; que vive e quer nascer entre nós, para podermos dar fruto onde, como e com quem estivermos. Precisamente aí vem o Senhor plantar e plantar-se a si mesmo»²⁰. A vida é entendida aqui como dom que se converte no desejo de uma restituição em vista do bem do outro. Trata-se de um processo de conversão que não pode prescindir do compreender a si mesmo em profundidade. Tal compreensão torna-se critério interpretativo de todo discernimento e de toda escolha. O momento inicial dessa autocompreensão é um verdadeiro e próprio discernimento dos afetos. Antes ainda que uma autocompreensão intelectual ou um esforço de conhecimento, que trata de escutar os próprios afetos, o próprio sentir. Sem ceder de nenhum modo em uma autocompreensão narcisista, trata-se, justamente, de não esconder de si mesmo algum sentimento, algum afeto, talvez, com a desculpa de que se possa julgá-lo mal. Tudo isso que foi removido, de fato, retorna sob outras formas e torna-se veneno, que polui a vida pessoal e comunitária. O ato de realizar o discernimento dos afetos coloca-nos na escuta do chamado de Deus, que passa através da história pessoal, comunitária, social e eclesial, com os sentimentos e os desejos que ele suscita em nós. Por isso, no momento que tal autocompreensão é reconhecida e acolhida como vocação, assume a grandíssima dignidade daquela verdade sobre si a qual não se pode ser outra coisa senão fiéis²¹.

Com muita frequência, encontramos consagrados e consagradas que receberam excelente formação acadêmica e profissional, têm uma bagagem intelectual considerável, mas permanecem quase analfabetos do ponto de vista interior, afetivo e espiritual. É muito fácil para eles “explicar” racionalmente um argumento, argumentar cientificamente um discurso, mas continua sendo extremamente difícil para eles reconhecer o que sentem profundamente, suas sensações, seus sentimentos, seus movimentos interiores. Quando lhes perguntam “O que você sente?”, geralmente respondem explicando o que pensam. O caminho que leva ao contato com as áreas mais profundas do coração é dificultado por acidentes, bloqueios, feridas que ainda estão abertas e nunca foram curadas... Esses bloqueios podem se tornar uma barreira que a pessoa sozinha não consegue superar. Obviamente, para uma pessoa presa nessa situação, um caminho de discernimento e crescimento na *docibilitas* se torna impossível. Portanto, é necessário, com infinita paciência, escuta, empatia e sabedoria, aproximar-se da pessoa e tentar oferecer um ambiente relacional seguro, no qual ela possa encontrar a coragem de abrir mão de intelectualizações defensivas e abrir suas áreas mais profundas e frágeis, revisitando e dissolvendo quaisquer bloqueios, que geralmente são muito dolorosos.

Ninguém pode acompanhar outra pessoa em um caminho que ela mesma não conhece. Para acompanhar a pessoa em formação, o formador deve, por sua vez, ter completado (e continuar completando!) um percurso pessoal sério, sincero e prolongado de acompanhamento, no qual tenha sido capaz de liberar e cultivar sua *docibilitas*, visitar as áreas profundas de sua vida, permitindo que sejam iluminadas

²⁰ FRANCISCO, *Discurso nella Veglia con i giovani alla XXXIV Giornata Mondiale della Gioventù a Panama*, Panamá, 26 de janeiro de 2019.

²¹ CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *O dom da Fidelidade, a alegria da Perseverança. Orientações*, Vaticano, 2 de fevereiro de 2020, n. 51.

e curadas pela Graça, abrir seu coração para a busca alegre e sincera da vontade de Deus, sentida como Amor que atrai, fascina e orienta os desejos mais profundos da alma.

5. O FOGO DE BRASA

A imagem bíblica que acompanhou o trabalho da Segunda Sessão da Assembleia Sinodal e que forma o pano de fundo do *Documento Final* é a da “Pesca da Ressurreição” (Jo 21,1-14), habilmente proposto e ilustrado pelo Pe. Timothy Radcliffe durante o retiro inicial e em outros momentos do trabalho da Assembleia. Trata-se da terceira e última aparição de Jesus ressuscitado aos discípulos, no Lago da Galileia. A passagem está repleta de sugestões. Vou me deter aqui apenas em uma cena que é tão simples quanto intensa.

Assim que desembarcaram, viram uma fogueira com peixes e pães. Jesus lhes disse: “Tragam alguns dos peixes que vocês acabaram de pescar”. Então Simão Pedro entrou no barco e puxou para a margem a rede cheia de cento e cinquenta e três grandes peixes. E, embora fossem muitos, a rede não se rompeu. Jesus lhes disse: “Venham e comam”. E nenhum dos discípulos ousava perguntar-lhe: “Quem é você?”, pois sabiam muito bem que ele era o Senhor. Então Jesus se aproximou, pegou o pão e o deu a eles, e também o peixe. Essa foi a terceira vez que Jesus se manifestou aos discípulos, depois de ter ressuscitado dos mortos.

(Jo 21,9-14)

A imagem densa e dinâmica do fogo é uma imagem que a Sagrada Escritura gosta de propor. O Papa Francisco a desenvolve em várias de suas intervenções. Em uma delas, o Santo Padre destaca a imagem do fogo de brasas no relato evangélico acima citado:

Esse fogo foi aceso pelo próprio Jesus, perto da praia, enquanto os discípulos estavam nos barcos e puxavam a rede que transbordava de peixes. E Simão Pedro veio primeiro, nadando, cheio de alegria (cf. v. 7). O fogo de brasas é brando, oculto, mas dura muito tempo e é usado para cozinhar. E ali, na margem do lago, cria um ambiente familiar onde os discípulos desfrutavam da intimidade com seu Senhor com espanto e emoção²².

O fogo de brasas é o fogo “do lar”, da família. É o fogo da caridade entre nós, da fraternidade/sororidade, do calor de laços fortes e delicados que iluminam o coração e o abrem para a experiência do amor de Deus, da proximidade do Senhor. Quantas vezes, ouvindo os consagrados e as consagradas, dialogando juntos, emerge o desejo e a necessidade de crescer na construção de vínculos desse tipo, fortes e sinceros, vínculos de fogo, alimentados pela caridade, pela bênção, pela benevolência, pelo cuidado, pela delicadeza, pela atenção, pelo respeito! Como desejamos um fogo de brasas!

Em Jo 21,9-14, Jesus se apresenta com uma aparência um tanto incomum: ele é um Jesus que cozinha, que prepara a comida para os seus. Vamos tentar nos deixar

²² FRANCISCO, *Homelia no Concistório ordinário público para a criação de novos Cardeais e para o voto sobre algumas causas de canonização*, Vaticano, 27 de agosto 2022.

interpelar e envolver por essa imagem que, em sua simplicidade e cotidianidade, transmite significados profundos e evoca sugestões intensas.

5.1 O guardião do fogo

Jesus, acendendo e alimentando as brasas e preparando o alimento para os seus, é uma imagem esplêndida do serviço de autoridade, ou seja, daquele que guarda e nutre o crescimento de seus irmãos e irmãs. A palavra vem do latim *auctoritas*, do verbo *augere*, “fazer crescer”. Inevitável é a relação que, por meio da raiz comum, liga essa palavra a “autor”. Novamente, a principal referência é o latim. E entre os vários significados da palavra latina *auctor*, além de “aquele que faz crescer”, há o significado de “dar sucesso” ou “levar a um resultado próspero e feliz”²³. A autoridade desdobra seu significado precisamente em servir humildemente ao “sucesso” do outro, ou seja, ao seu crescimento e ao seu “resultado feliz” como pessoa humana, como cristão, como pessoa consagrada, como pessoa chamada ao Amor. A Instrução da CIVCSVA sobre autoridade e a obediência, publicada em 2008, enfatizou que

Na vida consagrada, a autoridade é, antes de tudo, uma autoridade espiritual. Ela sabe que foi chamada a servir um ideal que a supera imensamente, um ideal do qual é possível aproximar-se somente num clima de oração e de humilde busca, que permitirá captar a ação do mesmo Espírito no coração de cada irmão ou irmã. Uma autoridade é “espiritual” quando se põe a serviço do que o Espírito quer realizar através dos dons que Ele distribui a cada membro da fraternidade, dentro do projeto carismático do Instituto ²⁴.

Desse ponto de vista,

A autoridade é chamada a promover a dignidade da pessoa, prestando atenção a cada membro da comunidade e ao seu caminho de crescimento, fazendo dom a cada um da própria estima e da própria consideração positiva, nutrindo um sincero afeto por todos e guardando com discrição as confidências recebidas²⁵.

Durante os trabalhos da Assembleia Sinodal, ressoou várias vezes a necessidade de uma conversão dos processos de tomada de decisão e do serviço de autoridade nas várias esferas da Igreja, a fim de promover uma visão integral e libertá-la de possíveis desvios narcisistas/clericalistas e de tudo o que poderia distanciá-la do Evangelho.

Na oração e no diálogo fraterno, reconhecemos que o discernimento eclesial, o cuidado com os processos de decisão e o compromisso de prestar contas das próprias ações e avaliar o êxito das decisões tomadas são práticas com as quais respondemos à Palavra que nos indica os caminhos da missão. Estas três práticas estão estreitamente interligadas. Os processos de tomada de decisão necessitam de discernimento eclesial, o que requer a escuta num clima de confiança, que a transparência e a prestação de

²³ Cfr. P. FALLAI, «Autorità»: tutti i segreti di una parola antica che ha tanti significati, 20 de novembro de 2020, https://www.corriere.it/scuola/20_novembre_25/autorita-tutti-segreti-una-parola-antica-che-ha-tanti-significati-70af4e26-2cde-11eb-a006-0b5f9624cb77.shtml

²⁴ CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *O Serviço da Autoridade e a Obediência. Faciem tuam, Domine, requiram, Instrução*, Roma, 2008, n. 13a.

²⁵ *Idem*, n. 13c.

contas apoiam. A confiança deve ser mútua: aqueles que tomam as decisões precisam de ser capazes de confiar e escutar o Povo de Deus, que por sua vez precisa de ser capaz de confiar naqueles que exercem a autoridade. Esta visão integral sublinha que cada uma destas práticas depende e apoia as outras, ao serviço da capacidade da Igreja para cumprir a sua missão. Envolver-se em processos de tomada de decisão baseados no discernimento eclesial e assumir uma cultura de transparência, de prestação de contas e de avaliação requer uma formação adequada que não seja apenas técnica, mas capaz de explorar os fundamentos teológicos, bíblicos e espirituais. Todos os Batizados têm necessidade desta formação para o testemunho, a missão, a santidade e o serviço, que põe em evidência a corresponsabilidade. Ela assume formas particulares para aqueles que ocupam cargos de responsabilidade ou estão ao serviço do discernimento eclesial²⁶.

A autoridade evangélica suscita, guarda e alimenta o fogo sagrado que une os irmãos e as irmãs em torno do único Pão da Vida, que os faz crescer como pessoas de Deus, que os inflama com aquele Amor que sabe unir o diverso com laços de caridade tão ardentes quanto delicados.

5.2 Juntos, ao redor das brasas

A imagem de Jesus cozinhando para os seus na margem do lago e chamando-os para comer também se refere à experiência de comer juntos. Contaminada muito felizmente pelo pensamento Bantu-Macua, gosto de imaginar nossas Congregações ou comunidades como uma cozinha: todos nós sentados ao redor de uma brasa e de uma panela, cada um trazendo algum ingrediente da vida para cozinhar uma boa polenta que depois alimentará a todos. Diz um provérbio macua: «A panela de polenta é uma, as porções de polenta são diferentes».

Para a cosmovisão banto-africana, todos nós viemos da mesma “panela”, somos compostos da mesma “massa”, nos alimentamos da mesma vida. Em uma família, é impensável cozinhar polenta em várias panelas diferentes: a panela é uma só, a farinha é a mesma, embora distribuída em porções separadas. A Igreja, que se alimenta do mesmo e único Pão da Vida, não pode deixar de se reconhecer nessa imagem e é chamada a torná-la cada vez mais real e visível, não só em nível litúrgico e celebrativo, mas também em nível de estruturas, de economia, de práxis pastoral, de estilos de vida e de relações. Mas isso também se aplica às nossas Congregações/Institutos.

A inculturação e a interculturalidade evangélica e carismática são imprescindíveis se quisermos aceitar o convite para comer da mesma panela. O diálogo entre carisma e culturas não é apenas uma necessidade: é uma oportunidade e um dom, uma chance de descobrir as riquezas originais que Deus colocou em cada povo, recebê-las na panela carismática e compartilhá-las com o resto da humanidade. Perder a oportunidade de entrar em contato com a experiência humana e espiritual de um povo significa também perder a oportunidade de entrar em contato com uma experiência única e original de Deus, dada a esse povo para ser compartilhada e para enriquecer, aumentar e transformar a vida de todos aqueles que estiverem dispostos a “comer da mesma panela”. Qual é o ingrediente próprio e original que esse povo pode trazer para a congregação? Que nova luz sua experiência de caminhar com Deus lança

²⁶ DF, 79-80.

sobre a compreensão do carisma? O que recebemos desse povo? Como esse povo nos evangelizou? Como isso contribuiu para a vitalidade do carisma?

6. A “MÍSTICA DO NÓS”

O Papa Francisco falou repetidamente sobre o chamado para passar do “eu” ao “nós”, sobre a necessidade de «nos unirmos em um ‘nós’ que seja mais forte do que a soma de pequenas individualidades»²⁷, do «desafio de descobrir e transmitir a ‘mística’ de vivermos juntos»²⁸, a «experiência libertadora e responsável de viver a ‘mística do nós’ como Igreja»²⁹. Entre outras coisas, o processo sinodal retomou a imagem paulina do corpo³⁰ e «fez-nos experimentar o “prazer espiritual” (EG 268) de ser Povo de Deus, reunido de todas as tribos, línguas, povos e nações, vivendo em contextos e culturas diversas. Nunca é a simples soma dos Batizados, mas o sujeito comunitário e histórico da sinodalidade e da missão»³¹.

Gostaria de me deter por um momento nessa imagem do corpo e tentar aplicá-la aos nossos Institutos. Todo Instituto animado por um carisma particular é um pouco como um corpo animado por uma energia vital particular e única. Sim, o Instituto, a comunidade, todo grupo humano se comporta, em muitos aspectos, como um organismo vivo, composto de diferentes partes, mas unido por uma única vida. Em cada célula, diferente das outras, está armazenado o mesmo DNA que identifica e torna esse corpo único.

Agora, quando sinto uma dor no dedo, o que faço? A última coisa em que penso é cortá-lo! Em vez disso, eu o trato. Minha atenção se volta para esse dedo machucado. Minha mente se põe em movimento para descobrir o que fazer para curá-lo. O resto do meu corpo coopera: minhas pernas me levam ao médico ou à farmácia. A mão saudável pega o frasco de desinfetante e a gaze para fazer o curativo. Os olhos estão atentos para saber onde colocar o desinfetante e como envolver o dedo com o curativo. A audição está ativa para ouvir o que o médico está me dizendo para fazer... etc, etc.

“Tudo está relacionado”, “tudo está conectado”: esse é o refrão que percorre a *Laudato si’* do Papa Francisco. A imagem do corpo expressa de modo plástico e claro a conexão que existe entre nós: nós criaturas, nós humanos, nós cristãos, nós membros de um corpo de Instituto, animados por um carisma único e original. De fato, o Instituto é um corpo carismático. Todos nós estamos profundamente ligados em virtude da nossa humanidade, da nossa fé, da nossa pertença a Cristo, da nossa

²⁷ FRANCISCO, *Carta Encíclica Fratelli Tutti*, Assis, 2020, n. 78. A Carta Encíclica *Fratelli Tutti* oferece muitas outras sugestões intensas a esse respeito. Nela, o Papa Francisco nos convida a sonhar «como uma única humanidade, como viandantes feitos da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que é o lar de todos nós» (FT, n. 8), a «nos constituirmos como um ‘nós’ que habita a casa comum» (FT, n. 17) etc. Veja também a entrevista concedida pelo Papa Francisco a Tg5 em 10 de janeiro de 2021. Cfr.

<https://www.avvenire.it/chiesa/pagine/intervista-papa-francesco-tg5>

²⁸ FRANCISCO, Esortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, Roma, 2013, n. 87.

²⁹ FRANCISCO, Constituição Apostólica *Veritatis gaudium* sobre as Universidades e as Faculdades Eclesiásticas, Roma, 2017, n. 4.

³⁰ Cfr. DF, nn. 16, 21, 26, 27, 36, 57, 88.

³¹ DF, 17.

pertença ao mesmo carisma que nos torna irmãs/irmãos, transfigurando a nossa ligação em vínculos sagrados, em veias e artérias vivas que irrigam o único corpo e no qual corre o sangue do carisma.

Assim como em um corpo físico, cada parte, cada órgão, cada célula tem uma influência sobre as demais. Se uma célula enlouquece, pode dar origem a um câncer que se espalha e atinge outros órgãos, comprometendo a vida de todo o organismo. Se os pulmões funcionam bem, eles oferecem oxigênio a todo o corpo, liberando-o do dióxido de carbono e garantindo vitalidade a cada parte dele, seja ela grande ou pequena. O que acontece com uma parte do corpo afeta o todo. E o que acontece com todo o corpo, como tal, repercute de alguma forma em cada parte dele.

No corpo do Instituto circula o que os membros colocam para dentro. Cada um de nossos atos e palavras, cada um de nossos pensamentos e sentimentos é energia que viaja pela densa rede de nossos relacionamentos e chega a todos, porque estamos todos unidos em um só corpo, alimentados no mesmo sangue do carisma vivo. Nenhuma palavra, nenhum gesto, nenhum pensamento ou sentimento é neutro: toda expressão vital tem consequências, para o bem ou para o mal. Nada, nem mesmo o que eu possa sentir e pensar escondido e guardado nos cantos mais íntimos do meu coração, ou dizer nos cômodos mais íntimos, nada é neutro. Misteriosamente, em virtude do fato de que “estamos todos conectados” no nível mais profundo, de espírito, de carisma, o que sinto, penso, digo, faço, desejo etc. é colocado na circulação do corpo e traz suas consequências, benéficas ou maléficas. Portanto, o que faço e digo, mas também o que penso e sinto, não fica confinado ao meu mundinho, mas flui nos fios da rede que nos conecta e nos torna irmãs/irmãos!

Acompanhar um corpo-Instituto, um organismo vivo, para que expresse sua generatividade, sua fecundidade, o propósito para o qual veio ao mundo, significa, antes de tudo, acompanhá-lo para que se conecte e reconecte continuamente com o que o anima, com o carisma. E significa cuidar do que circula dentro das conexões vitais.

O carisma não pertence ao Instituto, não é sua propriedade. É dom de Deus para o mundo, é Espírito, é Vida. O Instituto e cada irmão/irmã o recebem como um presente gratuito, para ser trazido à vida dentro de si mesmo, uma força vital que deve fluir criativamente, livremente, certamente não para ser mumificado ou embalsamado como uma peça de museu. Nas palavras do Papa Francisco:

Todo carisma é criativo, não é uma estátua de museu, não, é criativo. Trata-se de permanecer fiel à fonte original, esforçando-se para repensá-la e expressá-la em diálogo com novas situações sociais e culturais. Ela tem raízes firmes, mas a árvore cresce em diálogo com a realidade. Esse trabalho de atualização é tanto mais frutífero quanto mais se consegue harmonizar criatividade, sabedoria, sensibilidade para com todos e fidelidade à Igreja³².

A energia do Carisma percorre todas as células do corpo do Instituto: cada irmã/irmão é seu portador e sua expressão. E não é só isso. O corpo do Instituto, como um organismo vivo, tem seus próprios “sentidos”, e entre eles o “sentido do carisma”,

³² FRANCISCO, *Discurso aos participantes da Assembleia Geral do Movimento dos Focolares*, Vaticano, 6 de fevereiro de 2021.

um “nariz” (sentido do olfato), como diz mais uma vez o Papa Francisco, que lhe permite distinguir o perfume do carisma, ouvir sua melodia, perceber sua luz, provar seu sabor, reconhecer seu toque e vibrar em contato com ele, ser atraído por ele e segui-lo. Como um corpo, como um organismo. Quão importante é, então, que o líder, como o bom pastor, caminhe com o rebanho

Às vezes na frente, às vezes no meio e às vezes atrás: na frente, para liderar a comunidade; no meio, para encorajá-la e apoiá-la; atrás, para mantê-la unida de modo que ninguém fique muito longe, muito atrás, e também por outro motivo: porque as pessoas têm um ‘nariz’!³³.

A vibração e o movimento de um organismo em resposta ao que seu “nariz” e todos os seus sentidos percebem não é simplesmente a soma das vibrações e dos movimentos de cada uma de suas partes; é muito mais. Um pouco como uma sinfonia tocada por uma orquestra: não é simplesmente a soma dos vários sons dos instrumentos; é muito mais. Falando aos novos cardeais durante o Consistório de setembro de 2023, o Santo Padre Francisco propôs exatamente essa imagem, relacionando-a à sinodalidade:

O Colégio Cardinalício é chamado a assemelhar-se a uma orquestra sinfônica, que representa a dimensão sinfônica e a sinodalidade da Igreja. Digo também «sinodalidade», não só por estarmos nas vésperas da primeira Assembleia do Sínodo que tem precisamente este tema, mas porque me parece que a metáfora da orquestra pode muito bem iluminar o caráter sinodal da Igreja.

Uma sinfonia vive da sábia composição dos timbres dos diversos instrumentos: cada um dá o seu contributo, ora sozinho, ora combinado com outro, ora com todo o conjunto. A diversidade é necessária, é indispensável. Mas cada som deve concorrer para o resultado comum. E, para isso, é fundamental a escuta mútua: cada músico deve ouvir os outros. Se alguém ouvisse apenas a si mesmo, por mais sublime que possa ser o seu som, não seria de proveito à sinfonia; e o mesmo aconteceria se uma parte da orquestra não ouvisse as outras, mas tocasse como se estivesse sozinha, como se fosse o todo. E o diretor da orquestra está ao serviço desta espécie de milagre que é sempre a execução duma sinfonia. Ele deve ouvir mais do que todos os outros e, ao mesmo tempo, a sua tarefa é ajudar cada um e a orquestra inteira a desenvolver ao máximo a fidelidade criativa, a fidelidade à obra que se está a executar, mas criativa, capaz de dar uma alma àquela partitura, de fazê-la ressoar duma forma única aqui e agora³⁴.

O/a líder é chamado/a a facilitar o contínuo retorno e a reimersão no carisma, na energia vital que anima o Instituto, na música que o sustenta, nas origens vivas e vibrantes das quais é possível recomeçar, ser relançado no mundo de hoje pela inesgotável fecundidade da inspiração da qual se nasceu. Esse dinamismo incessante de retorno e relançamento permite que o Instituto viva o discernimento como um modo de vida, no contínuo espelhamento e imersão no carisma para requalificar a missão no hoje, para permitir que a música se expresse hoje na orquestra, dando vida

³³ FRANCISCO, *Encontro com o clero, pessoas de vida consagrada e membros de conselhos pastorais*, Assis, 4 de outubro de 2013.

³⁴ FRANCISCO, *Homelia no Consistório ordinário público para a criação de novos Cardeais e para o voto sobre algumas causas de canonização*, Vaticano, 30 de setembro de 2023.

e alma à partitura no aqui e agora, para libertar o fluxo vital de quaisquer superestruturas, geografias, geometrias e esquemas que tendem a aprisionar sua dança. Um organismo vital está necessariamente sempre em movimento, adaptação e renovação. Quando o movimento, a adaptação e a renovação cessam, a morte assume o controle. Nas palavras do Papa Francisco:

aqueles que estão parados acabam se corrompendo. Como a água: quando a água está parada, os mosquitos vêm, põem seus ovos e tudo se corrompe. Tudo³⁵.

7. REPARADORES DE REDES

Durante o retiro dos primeiros dias da Segunda Sessão da Assembleia Sinodal, fiquei particularmente impressionada com uma meditação do Pe. Radcliffe sobre a “Pesca da Ressurreição” (Jo 21,1-11) e alguns de seus comentários sobre redes de pesca. Em um determinado momento, o Pe. Radcliffe, falando da rede de pesca como um símbolo da Igreja que abraça a diversidade pessoal e cultural, disse:

Aguardamos um novo Pentecostes em que cada cultura fale em sua própria língua nativa e seja compreendida. Essa também é nossa tarefa durante o Sínodo e o fundamento de nossa missão em nosso mundo dividido e dilacerado. Vamos pedir as orações de Maria, que desatou os nós, e de Pedro, que consertou as redes!³⁶.

Em seguida, comecei a ler a passagem de Mc1,16-20:

Passando ao longo do mar da Galileia, viu Simão e André, irmão de Simão, que lançavam as redes ao mar, pois eram pescadores. Jesus lhes disse: ‘Vinde após mim, e eu farei de vocês pescadores de homens’. E eles imediatamente deixaram as redes e o seguiram. E, indo um pouco mais adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que também estavam no barco, consertando as redes. E logo os chamou. E eles, deixando seu pai Zebedeu no barco com os servos, foram atrás dele.

É verdade, eu disse a mim mesma, as redes não devem apenas ser lançadas, arrastadas para a praia, mas também devem ser consertadas, reparadas. O padre Radcliffe nos mostrou como uma rede de pesca é feita de espaços e dos laços que os circunscrevem. Não há mais nada. Se os laços se rompem ou se engrossam a ponto de fechar os espaços, a rede não é mais uma rede e não serve para nada.

A rede se rompe. E ela precisa ser consertada. Sempre, constantemente. Reparar, remendar, consertar são trabalhos manuais. São feitos com as mãos, não com máquinas. Exigem cuidado e muito... tato. A rede, o tecido, você o pega, você o segura em sua mão. A visão identifica buracos, malhas rasgadas, fios cortados. Os dedos tocam, expandem, removem, traçam os elos saudáveis e firmes aos quais as novas malhas podem ser fixadas e reconstruídas.

Acredito profundamente que uma dimensão à qual as pessoas em serviço de autoridade são chamadas a dar atenção especial é justamente a do “reparo” das redes,

³⁵ FRANCISCO, *Homelia*, Capela da Casa Santa Marta, 2 de outubro de 2018. <https://www.vaticannews.va/it/papa-francesco/messa-santa-marta/2018-10/papa-francesco-santa-marta-02-ottobre-angeli-bambini.html>

³⁶ T. RADCLIFFE, *Pesca da Ressurreição*, XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos - Sessão II, Meditação durante o Retiro, 1º de outubro de 2024.

em diferentes níveis. Mas essa atenção não diz respeito apenas à autoridade. Ela diz respeito a todos nós, como uma dimensão indispensável de sermos sentinelas da esperança.

O Papa Francisco, em *Dilexit nos*, dedica espaço precisamente à reparação³⁷. Há uma reparação das “estruturas de pecado”, quando a repetição de pecados contra outros se solidifica, cristaliza-se em estruturas visíveis ou invisíveis que reproduzem e perpetuam dinâmicas doentias³⁸.

Frequentemente isto está inserido numa mentalidade dominante que considera normal ou racional o que não passa de egoísmo e indiferença³⁹. Não é apenas uma norma moral que nos leva a resistir a estas estruturas sociais alienadas, a desnudá-las e a criar um dinamismo social que restaure e construa o bem, mas é a própria «conversão do coração» que «impõe a obrigação» de reparar tais estruturas. É a nossa resposta ao Coração amante de Jesus Cristo que nos ensina a amar⁴⁰.

Mas

A reparação cristã não pode ser entendida apenas como um conjunto de obras exteriores, que são indispensáveis e por vezes admiráveis. Exige uma espiritualidade, uma alma, um sentido que lhe dê força, impulso e criatividade incansável. Precisa da vida, do fogo e da luz que vêm do Coração de Cristo⁴¹.

Por outro lado, uma reparação meramente exterior não é suficiente; nem para o mundo, nem para o Coração de Cristo. Se cada um pensar nos seus próprios pecados e nas consequências para os outros, descobrirá que reparar os danos causados a este mundo implica também o desejo de reparar os corações feridos, onde se produziu o dano mais profundo, a ferida mais dolorosa⁴².

Nem tudo pode ser consertado, nem tudo pode ser completamente reparado. Mas o processo de reparação pode abrir o caminho para um renascimento, para uma recompreensão e ressignificação da ferida que pode torná-la menos dolorosa e abri-la para caminhos de luz.

Na DN, o Papa Francisco enfatiza algumas etapas do processo de reparação:

- A intenção do coração⁴³: trata-se do desejo profundo de reparação, da intenção de reparar o dano causado e de fazê-lo concretamente, ou seja, de pôr em prática os passos necessários e adequados.
- O reconhecer-se culpado: trata-se do reconhecimento honesto do mal causado ao irmão/irmã, de um profundo e sincero sentimento de que o

³⁷ Cfr. FRANCISCO, *Dilexit nos – Carta Encíclica sobre o amor humano e divino do coração de Jesus Cristo*, Roma, 24 de outubro de 2024, sobretudo nos nn. 181-204. (De agora em diante abreviado em: DN).

³⁸ Cfr. DN, 183.

³⁹ DN, 183.

⁴⁰ DN, 183.

⁴¹ DN, 184.

⁴² DN, 185.

⁴³ Cfr. DN, 185-186.

amor foi ferido⁴⁴ e de um coração que se permite sentir uma dor saudável, verdadeira e purificadora.

- O pedido de perdão ao irmão/irmã.

Faz parte deste espírito de reparação o bom hábito de pedir perdão aos irmãos, que revela uma enorme nobreza no meio da nossa fragilidade. Pedir perdão é uma forma de curar as relações pois «reabre o diálogo e manifesta o desejo de restabelecer o vínculo da caridade fraterna [...], toca o coração do irmão, consola-o e inspira-o a aceitar o perdão pedido. Assim, se o irreparável não pode ser completamente reparado, o amor pode sempre renascer, tornando a ferida suportável»⁴⁵.

A segunda sessão da Assembleia do Sínodo começou com dois dias de retiro, que terminou com uma vigília penitencial durante a qual

pedimos perdão pelos nossos pecados, sentimos vergonha e elevámos a nossa intercessão pelas vítimas dos males do mundo. Chamámos os nossos pecados pelo nome: contra a paz, a criação, os povos indígenas, os migrantes, as crianças, as mulheres, os pobres, a escuta, a comunhão. Isto fez-nos compreender que a sinodalidade exige arrependimento e conversão⁴⁶.

Uma conversão ao perdão pedido, dado e recebido. Uma conversão para reconhecer e reparar as estruturas e as dinâmicas do pecado em nós, entre nós e ao nosso redor, para reparar corações feridos, para reparar os laços, as redes que nos unem como irmãos e irmãs.

A Igreja deve escutar com particular atenção e sensibilidade a voz das vítimas e dos sobreviventes aos abusos sexuais, espirituais, económicos, institucionais, de poder e de consciência por parte de membros do clero ou de pessoas com cargos eclesiais. A escuta autêntica é um elemento fundamental do caminho para a cura, o arrependimento, a justiça e a reconciliação. Numa época que vive uma crise global de confiança e encoraja as pessoas a viver na desconfiança e na suspeição, a Igreja deve reconhecer as próprias falhas, pedir humildemente perdão, cuidar das vítimas, dotar-se de instrumentos de prevenção e esforçar-se por reconstruir a confiança recíproca no Senhor⁴⁷.

8. ARTESÃOS DA PAZ

Domingo de Páscoa, 20 de abril de 2025, meio-dia: O Papa Francisco, da Loggia Central da Basílica do Vaticano, concede a bênção sobre a cidade, a humanidade e a criação, e oferece a Mensagem *Urbi et Orbi* à Igreja e ao mundo. Mal sabíamos que essa era sua última mensagem e a última bênção de sua vida nesta terra.

Em sua última mensagem para nós, o Papa Francisco quis enfatizar o profundo significado da ressurreição do Senhor, na qual nossa esperança está enraizada:

O amor venceu o ódio. A luz venceu as trevas. A verdade venceu a mentira. O perdão venceu a vingança. O mal não desapareceu da nossa história e permanecerá até ao fim,

⁴⁴ Cfr. DN, 187.

⁴⁵ DN, 189.

⁴⁶ DF, 6.

⁴⁷ DF, 55.

mas já não lhe pertence o domínio, não tem qualquer poder sobre quem acolhe a graça deste dia.

Irmãs e irmãos, especialmente vós que passais pela dor e pela angústia, o vosso grito silencioso foi ouvido, as vossas lágrimas foram recolhidas e nem sequer uma só se perdeu! Na paixão e morte de Jesus, Deus tomou sobre si todo o mal do mundo e, com a sua infinita misericórdia, derrotou-o: erradicou o orgulho diabólico que envenena o coração humano e semeia violência e corrupção por toda a parte. O Cordeiro de Deus venceu! Por isso, hoje exclamamos: «Ressuscitou Cristo, minha esperança» (*Sequência Pascal*).

Sim, a ressurreição de Jesus é o fundamento da esperança: a partir deste acontecimento, ter esperança já não é uma ilusão. Não! Graças a Cristo crucificado e ressuscitado, a esperança não engana! *Spes non confundit!* (cf. *Rm* 5, 5). E não se trata duma esperança evasiva, mas comprometida; não é alienante, mas responsabilizadora.

Quem espera em Deus coloca as suas mãos frágeis na mão grande e forte d'Ele, deixa-se levantar e põe-se a caminho: juntamente com Jesus ressuscitado, torna-se peregrino de esperança, testemunha da vitória do Amor e do poder desarmado da Vida⁴⁸.

O Santo Padre, na mesma mensagem, mais uma vez fez fortes apelos à paz, lembrando as muitas áreas do mundo oprimidas por conflitos, violência e tensões: entre elas a Terra Santa, o Líbano, a Síria, o Iêmen, a Ucrânia, o sul do Cáucaso, o Sahel, o Sudão do Sul, o Sudão, o Chifre da África, a RDC, a Região dos Grandes Lagos.

O Papa Leão XIV, em suas primeiras palavras após sua eleição como Sumo Pontífice em 8 de maio de 2025, ecoou o apelo à paz:

A paz esteja com todos vocês!

Queridos irmãos e irmãs, esta é a primeira saudação do Cristo Ressuscitado, o Bom Pastor, que deu sua vida pelo rebanho de Deus. Eu também gostaria que essa saudação de paz entrasse em seus corações, chegasse a suas famílias, a todas as pessoas, onde quer que estejam, a todos os povos, a toda a Terra. A paz esteja com vocês!

Esta é a paz do Cristo Ressuscitado, uma paz desarmada e uma paz desarmante, humilde e perseverante. Ela vem de Deus, Deus que ama a todos nós incondicionalmente⁴⁹.

Podemos nos perguntar: como a vida consagrada pode viver esse apelo - quase um testamento - do Papa Francisco, retomado pelo Papa Leão XIV? Como pode ser efetivamente sentinela de uma esperança “comprometida” e “responsabilizadora”? Como ela pode ser um sinal da “paz desarmante, humilde e perseverante que vem de Deus”? Como podemos realmente “nos tornar peregrinos da esperança, testemunhas da vitória do Amor, do poder desarmado da Vida”? Como podemos nos tornar de fato “artesãos da paz”⁵⁰?

Acredito que a resposta está bem aqui, em nosso meio, no Reino que está chegando, ou melhor, que já está presente como um pequeno grão de mostarda que se torna uma árvore e oferece abrigo aos pássaros, como o fermento escondido na massa,

⁴⁸ FRANCISCO, *Mensagem “Urbi et Orbi”*, Páscoa 2025, Vaticano, 20 de abril de 2025.

⁴⁹ LEÃO XIV, *Primeira bênção “Urbi et Orbi”*, Vaticano, 8 de maio de 2025.

⁵⁰ “Artesãos da paz” é uma expressão utilizada várias vezes pelo Papa Francisco. Cfr. por exemplo na sua mensagem para a celebração da LIII Jornada Mundial da paz, 1º de janeiro de 2020. https://www.vatican.va/content/francesco/it/messages/peace/documents/papa-francesco_20191208_messaggio-53giornatamondiale-pace2020.html

como a tenacidade e o amor do pastor que busca incansavelmente a ovelha perdida e da mulher que varre a casa para encontrar a moeda perdida. Olhemos para tantos homens e mulheres consagrados, espalhados pelo mundo, muitas vezes nos lugares onde a humanidade está mais ferida, nos abismos da história e da existência, nas periferias, nas fronteiras, que tecem os fios dessa paz, desarmada e desarmante, humilde e perseverante. Silenciosamente, de forma artesanal, eles se tornam guardiões da vida, tecendo-a e reparando-a e contribuindo para tornar o mundo mais humano e compassivo, construindo paciente e tenazmente uma cultura do cuidado.

Que a vida consagrada seja sempre, de fato, uma humilde profecia de perdão, de reparação, de reconstrução dos laços de fraternidade e irmandade, de paz, de confiança, de comunhão. Que seja uma sentinela com os sentidos aguçados e abertos para interceptar na noite o sopro de Deus, sua luz suave, seu sussurro, seu perfume, seu sabor inconfundível, para acolhê-lo, apontá-lo, proclamá-lo.

Irmãs e irmãos, que esta Assembleia – e a Conferência dos Religiosos do Brasil – sejam um espaço que promova processos de crescimento na paz do Senhor Ressuscitado em nossos corações, entre nós, em nossas comunidades, em nossos ministérios e serviços, na Igreja sinodal missionária, revigorando boas redes, vínculos profundos, processos de vida, de cuidado, de custódia mútua.

Que o desejo do profeta Isaías se realize em nós e entre nós:

*Se removeres do meio de ti a opressão,
a acusação e a linguagem ímpia,
se ofereceres pão ao faminto,
se saciares o faminto,
então a tua luz brilhará nas trevas,
as tuas trevas serão como o meio-dia.
O Senhor sempre te guiará,
te saciará em terra árida,
fortalecerá os teus ossos;
serás como um jardim regado
e como uma fonte
cujas águas não murcham.
Teu povo reconstruirá as ruínas antigas,
tu reconstruirás os alicerces de tempos passados.
Eles o chamarão de reparador de brechas,
restaurador de casas arruinadas para nelas morar.*

(Is 58,9-12)

Obrigada! Deus vos abençoe!

Ir. Simona Brambilla, MC
Brasília, 8 de julho de 2025